

VÍTIMAS-AGRESSORAS E A PERPETUAÇÃO DO BULLYING

Beatriz Pereira dos SANTOS ¹, Gabriella Quaranta FERREIRA ², Marianne Beatriz da Rocha LINS ³, Sâmara Maria Pinheiro Vainauskas BARCELOS ⁴, Vanessa Alvarenga PEGORARO ⁵, Wanderlei Abadio de OLIVEIRA ⁶, Julliane Messias Cordeiro SAMPAIO ⁷

RESUMO

Objetivo: Identificar o perfil de estudantes e a dinâmica do bullying na perspectiva de vítimas-agressoras. **Método:** Foi realizado um estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, nas regiões de ensino da capital brasileira. A coleta dos dados foi realizada a partir de um questionário autoaplicável com 512 estudantes do 6º ao 9º ano, incluindo o perfil sociodemográfico, condição de vítima e de agressor. **Resultados:** Dos 512 adolescentes entrevistados, 89 (17,4%) referiu ser vítima e também perpetrar o bullying. A partir do total de vítimas-agressoras, 47 (52,80%) adolescentes eram do sexo feminino e houve predominância da faixa etária de 12 a 14 anos (73,0%). Os respondentes estavam distribuídos de forma semelhante em relação ao ano escolar. Apelidar foi o tipo de manifestação do bullying mais referida (59,5%) e a sala de aula foi o local com maior frequência das agressões (61,8%). Um total de 39 (43,8%) adolescentes referiram sentir raiva ao praticarem a violência e 39,3% dos adolescentes disseram à algum amigo o envolvimento com o conflito. **Conclusão:** As vítimas-agressoras possuem características peculiares que podem despontar na perpetuação do bullying escolar e, este fato exige a necessidade de interrupção do fenômeno a partir do reconhecimento da dinâmica desse tipo de violência por meio de estratégias de prevenção e redução do bullying no espaço escolar. **PALAVRAS-CHAVE:** Bullying; Serviços de Saúde Escolar; Adolescente; Comportamento do Adolescente.

1. Estudante de Graduação - Enfermagem UniCEUB
2. Estudante de Graduação - Enfermagem UniCEUB
3. Estudante de Graduação - Enfermagem UniCEUB
4. Enfermeira - Enfermagem UniCEUB
5. Mestre - Professora Assistente do Curso de Enfermagem FACES/UNICEUB
6. Doutor - Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUC-Campina
7. Doutora - Professora Titular do Curso de Enfermagem FACES/UNICEUB

INTRODUÇÃO

O bullying é um problema de saúde pública, dada a elevada magnitude e prevalência, estimando-se que, aproximadamente, 20% dos estudantes brasileiros estão envolvidos de maneira direta com situações de conflitos, além das consequências deletérias para adolescentes que praticam ou são vítimas desse tipo de violência [1,2,3]. Estudos apontam que, nos anos iniciais do ensino fundamental os estudantes tendem a ser mais vítimas e, nos finais, há maior incidência de agressores e, geralmente, está associado às características individuais como idade, tamanho, porte físico, traços de personalidade, desenvolvimento emocional e formação de grupos de estudantes [4,5,6].

O bullying é um fenômeno multifacetado e, compreendendo os tipos de envolvimento, emerge também o grupo de vítimas-agressoras, que apresentam em suas ações a manutenção da agressividade nas relações entre pares, devido a resposta agressiva de vítimas, frente a violência sofrida, esses adolescentes são definidos pela reatividade e impulsividade após a agressão sofrida, podendo responder com comportamento de provocação a fim de expor sua vitimização. e, dessa forma revela-se árdua o enfrentamento e a redução do bullying. Por apresentarem características tanto de vítimas quanto de agressores simultaneamente, a vulnerabilidade psicossocial se torna evidente [1, 8].

Neste contexto, onde a recidiva dos conflitos emergem de ação e reação, a temática se mostra relevante e a necessidade de interromper o ciclo de conflitos na escola, torna-se urgente, objetivou-se identificar a dinâmica do bullying e o perfil das vítimas-agressoras nas regiões de ensino da capital brasileira.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, realizado entre março e junho de 2018, em escolas nas regiões de ensino da capital brasileira. As escolas foram randomizadas e todos os estudantes do 6º ao 9º ano foram convidados a participarem da pesquisa. Os dados foram coletados por meio de questionário auto aplicado, na sala de aula e, este instrumento categorizou as variáveis sociodemográficas, como, o ano escolar, sexo, idade, se o aluno já havia reprovado e a cor/raça, condição de vítima e/ou agressor [9].

Logo, as informações coletadas foram lançados com os dados em planilhas duplamente digitadas, com o intuito de validar as informações e evitar erros de digitação, num banco de dados, com auxílio do programa Microsoft Office Excel® 2010. As perguntas do questionário foram categorizadas e nominadas em um codebook. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, aprovado sob parecer de nº 2.542.317, de 13/03/2018. Aos adolescentes, menores de 18 anos, solicitou-se consentimento dos seus pais ou responsáveis legais, mediante assinatura do TCLE e seu assentimento mediante assinatura do TA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo demonstraram que dos 89 estudantes categorizados como vítimas agressoras, representando 17,4% do valor da amostra inicial composta por 512 adolescentes. Esses dados foram convergentes com os de pesquisas nacionais que apresentaram frequências de 4,9%, 29,5%, 5,4% [1, 8, 10]. Observa-se, portanto, um fenômeno multifacetado e multifatorial, configurando-se um problema de Saúde Pública, dada a necessidade de intervenção intersectorial e multiprofissional com o intuito de minimizar as suas consequências que trazem prejuízos aos envolvidos [10].

A tabela 1 relata a predominância de estudantes de doze a quatorze anos de idade 65,0% (65) e, que a maioria era do sexo feminino 52,8% (47). Esses dados coincidem com a pesquisa brasileira que apresentou envolvimento de adolescentes de todas as idades no ensino fundamental [10].

Em relação ao sexo dos participantes, os resultados são congruentes aos achados em pesquisas nacionais que, também referiram o sexo feminino como o que mais agride. No entanto, outros estudos também apontam o sexo masculino como os que mais agredem, em comparação ao feminino [13]. Esses resultados apontam que tanto meninos quanto meninas se envolvem em situações de bullying e, independe da idade [1,9].

Os adolescentes de cor/raça branca e parda são os que mais se envolvem com situações de bullying [4,14]. Quanto a reprova, os resultados da presente investigação são congruentes com resultado de uma pesquisa internacional que demonstrou que, a maioria dos adolescentes que participaram nunca reprovou [16].

Tabela 1: Caracterização dos estudantes, segundo ano escolar, sexo, idade, reprovação e cor/raça.

Variáveis	N	%
Ano Escolar		
6°	22	24,72
7°	22	24,72
8°	20	22,47
9°	25	28,09
Total	89	100%
Sexo		
Feminino	47	52,80
Masculino	42	47,19
Total	89	100%
Idade		
10	1	1,12
11	15	16,85
12	20	22,48
13	20	22,48
14	25	28,09
15	7	7,86
16	1	1,12
Total	89	100%
Reprovação		
Nunca reprovei	59	66,29

Reprovei	30	33,70
Total	89	100%
Cor		
Branca	19	21,34
Preta	16	17,97
Parda	44	49,43
Amarela	2	2,24
Indígena	8	8,98
Total	89	100%

Quando questionados sobre o tipo de violência que esse grupo de vítimas-agressoras mais se envolveu (Tabela 2), os dados demonstraram maior frequência de “pôr apelidos” (59,5%), seguidas das ‘zoações’ (48,31%) e fofocas (43,82%), que são caracterizadas como agressões verbais, estes resultados convergiram de os achados em outras pesquisas [9,10,17,18], onde a tipificação mais comum foi a violência verbal.

Tabela 2: Distribuição de vítimas-agressoras, segundo os tipos de ameaça, agressão ou humilhação sofrida.

Manifestação do <i>bullying</i> sofrido	n	%
Agressão Física	11	12,35
Apelidar	53	59,55
Zoar, mangar, fazer gozação	43	48,31
Fizeram fofoca	39	43,82
Pegaram algo sem permissão	25	28,08
Cyberbullying	9	10,11
Amedrontar	9	10,11
Isolar/excluir	13	14,60
Humilhar/xingar por causa da cor da pele	4	4,49
Humilhar/xingar por outro problema	9	10,11

Assim, a violência permeada no fenômeno bullying se apresenta multifacetada, complexa, de difícil diagnóstico e gera um ciclo de consequências negativas para toda a comunidade escolar, tendo em vista, ainda, que o estímulo da agressão sofrida gere a reprodução da mesma contra seu agressor ou outros estudantes [19].

As vítimas-agressoras humilham os colegas como forma de esconder suas limitações e para isso, possuem atitudes agressivas e provocativas. Acabam também sendo rejeitadas e impopulares [14].

É importante observar a dinâmica das relações entre os adolescentes na escola e, quando percebe-se que estão excluídos por pares, em situação de isolamento social, isso denota indícios de que pertencem ao grupo de vítimas-agressoras, o que poderá facilitar nas tomadas de decisão por parte de professores, coordenadores e, até mesmo o estabelecimento de parceria com a família e profissionais do setor saúde no que se refere ao comportamento de risco desses estudantes.

REFERÊNCIAS

1. Zequinão, MA, Medeiros, P, Pereira, B, Cardoso, FL. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*.2016;42(1): 181-198.
2. Mello, FCM, Silva, JL, Oliveira, WA, Prado, RR, Malta, DC, Silva, MAI. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015*. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2017; 22(9): 2939-2948.
3. Silva VH, Osieck AC. Influência do gênero no bullying escolar. *Revista Inspirar Movimento & Saúde*. 2019; 19(2): 1-26.
4. Costa, MR, Xavier, CC, Andrade, ACS, Proietti FA, Caiaffa WT. Bullying among adolescents in a Brazilian urban center – “Health in Beagá” Study. *Rev Saúde Pública*. 2015; 49(56): 1-10.
5. Gomes, MBSH, Vale-Dias, ML. Bullying no Contexto Escolar: Entender, Intervir e Prevenir. *Revista De Estudios E Investigación En Psicología Y Educación*. 2017; 05:299-304.
6. García, L, Niño, S. Percepciones sobre convivencia escolar y bullying en una institución educativa de Bogotá. *Cultura. Educación y Sociedad*. 2018; 9(1):45-58.
8. Marcolino, EC, Cavalcanti, AL, Padilha, WVN, Miranda, FAN, Clementino, FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto & Contexto – enferm*. [Internet]. 2018 Dez. [citado 2020 Jul 27];27(1): e5500016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000100304&lng=en.
9. Sampaio, JMC, Santos, GV, Oliveira, WA, Silva, JL, Medeiros, M, Silva, MAIS. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto contexto - enferm*. [Internet]. 2015 Jul [citado 2020 Jul 27]; 24(2): 344-352. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000200344&mp:lng=en.
10. Oliveira, WA, Silva, JL, Braga, IF, Romualdo, C, Caravita, SCS, Silva, MAI. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2018 Mar [citado 2020 Jul 27]; 23(3):751-761.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000300751&lng=en.
13. Barbosa, AAD, Soares, MSP, Mendes, J. Características associadas a vítimas de bullying nas escolas brasileiras. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*. 2017; 15(2): 791-799.

14. Bandeira, C, Hutz, C. Bullying: Prevalência, implicações e diferenças entre os géneros. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2012; 16(1):1-10
16. Silva, D, Tavares, E, Silva, E, Duarte, J, Cabral, L, Martins, C. Vítimas e agressores: manifestações de bullying em alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*. 2017; (spe5): 57-62.
17. Lira, LL. Bullying: percepções dos estudantes em uma escola pública de Brasília. *Diversitas Journal*. 2019; 4(1): 172-178.
18. Silva JL, Bazon MR. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. *Revista Educação Especial*.2017; 30(9): 615-627
19. Brino, RF, Lima, MHCG. Compreendendo estudantes vítimas de bullying: para quem eles revelam? *Psicologia da Educação*.2015; 40: 27-39.